



CARRANCA

ORGÃO INFORMATIVO DA COMISSÃO MINEIRA DE FOLCLORE – CMFL – 01-2015– Janeiro-
Março-2015

Editorial

A cada ano a Comissão Mineira de Folclore surpreende seus próprios membros com publicações e documentários de seus membros. São estudos de alta relevância, a maioria resultante do esforço pessoal desses estudiosos, obedientes a uma tradição revelada por Aires da Mata Machado Filho, no distante ano de 1976, quando acreditou no apoio recebido pela, então, Coordenadoria de Cultura do Estado de Minas Gerais.

Naquela oportunidade, o Governo do Estado havia assegurado à Comissão uma pequena importância para inaugurar a série de boletins que tomariam o nome de “Carranca” 20 anos após, e que seriam também a semente da *Revista Comissão Mineira de Folclore*.

Mestre Aires afirmou com toda a ironia acessível somente aos que com ele privaram:

“Tudo no mundo tem a sua hora. Este se revela o momento de aparecer a publicação oficial da Comissão Mineira de Folclore.

A reestruturação dá-lhe melhores condições de funcionamento. O crescente interesse pelo folclore, nas mais diversas áreas, amplia o público a que pode servir. Em sede própria, graças à colenda Congregação da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da U. F. M. G. e ao seu Diretor José Ernesto Ballstaedt, esse grupo de estudiosos da cultura popular tradicional bem merece um ponto de encontro, em prêmio da sua longa pertinácia.

Já não permanecerão atupetadas de trabalhos inéditos as gavetas dos mais laboriosos. O fato de ter onde publicar constituirá estímulo a novas pesquisas. Por este caminho, o folclore em Minas Gerais deixará de ser o grande desconhecido que se não consegue divulgar.

Sonho? Desse fulgor do idealismo sempre viveram os folcloristas mineiros. Da mesma condição de sonhadores saberão tirar forças para infundir vida e duração a esta realidade auspiciosa – o Boletim da Comissão Mineira de Folclore.

A Comissão dispõe de recursos financeiros para dois números, graças a uma verba de auxílio concedido pelo Conselho Estadual de Cultura, a qual permitiu também a aquisição de mobiliário para a sede própria.

...

A nossa esperança de prosseguir funda-se ainda nos rumos novos que a recente criação da Coordenadoria de Cultura imprimirá, certamente, aos assuntos como folclore e sua divulgação. Com esse espírito, dirigimos um apelo confiante ao Coordenador, Professor Paulo Campos Guimarães, que saberá compreender o que representa para Minas Gerais iniciativa como a nossa.

Haja ironia oculta nesse escrito e nesse momento. Ela se revela maior agora com o olhar para o passado. Grifem-se: “*Tudo no*

mundo tem a sua hora” – a Comissão Mineira se preparava para se aproximar de 30 anos desde sua fundação. “*Em sede própria*” “*em prêmio da sua longa pertinácia*”, “*o folclore em Minas Gerais deixará de ser o grande desconhecido*”.

A chave da ironia se resume numa única palavra: “*Sonho?*” Eis a realidade do momento: “*A Comissão dispõe de recursos financeiros para dois números,*” [com trinta modestas páginas].

Há que se firmar em *esperança*: “*A nossa esperança de prosseguir funda-se ainda nos rumos novos que a recente criação da Coordenadoria de Cultura imprimirá, certamente*”.

Passados 67 anos desde que a Comissão Mineira se fundou no dia 19 de fevereiro de 1948 ressoa a mensagem: **o voche entrete lasciate ogni speranza!** Porém, nossos diabos são teimosos. Resistem ao lasciare e afirmam a Santa Speranza.

Assim presenciamos o lançamento do *Dicionário da Religiosidade Popular* de Frei Chico, ao *Vaqueiros e mulheres de muque* de Domingos Diniz, *Folclore Literário e Linguístico* de Antônio Henrique Weitzel, ao *vídeo Remeiros do Rio São Francisco de Dêniston Diamantino*, ao *Médio Paraopeba e seu saber viver* de Antônio de Paiva Moura, tudo isto no espaço de um ano.

É chegado o momento de mais uma teimosia desses diabos resistentes.

Luis Santiago, prêmio Silvio Romero em 2014, deu ao público *O mandonismo mágico do sertão: corpo fechado e violência política nos sertões da Bahia e de Minas Gerais* - 543 páginas de pura teimosia – financiadas com recursos do autor. E Romeu Sabará da Silva, após quase vinte anos de procura, consegue, finalmente, doar ao público a obra *O drama de um campesinato negro no Brasil: a comunidade negra dos Arturos*, que consumiu quase quarenta anos de estudos e 20 anos para deixar as trevas desse inferno ao qual os estudos de folclore foram condenados.

Aplicado ao Folclore, Luis Santiago poderia dizer que quem tem mesmo o corpo fechado é a nossa Comissão. Resiste há quase setenta anos à bateria de fogos de desqualificação desfechada por alguns eruditos poderosos.

“O senhor não vê? O que não é Deus, é estado do Demônio. Deus existe mesmo quando não há, mas o demônio não precisa existir para haver”. Certamente, Guimarães Rosa ouviu isto de um sábio endemoniado em pleno sertão, porque eu ouvi de outro esta:

“Eu mato os animais porque nós somos as galinhas de Deus. Ele nos cria e diz, agora é sua vez.”

José Moreira de Souza

Notícias & Comentários

Comissão Mineira de Folclore – 67 Anos

Raimundo Nonato de Miranda Chaves

A Comissão Mineira de Folclore (CMFL) celebrou 67 anos de sua fundação, em 1948, por um grupo de intelectuais mineiros liderados por Aires da Mata Machado Filho. Durante 67 anos a CMFL tem atravessado períodos de alta e de baixa; às vezes prestigiada e aplaudida, outras vezes abandonada e esquecida. Instituição respeitada com rico patrimônio imaterial, com sede e outras benesses, para, no período seguinte, ser desalojada de sua sede e ver seu patrimônio material delapidado. Parece cíclico como em tantos fenômenos naturais. Felizmente, no momento presente, a CMFL vive parte positiva de um período, diria que a CMFL está na parte de crescimento da curva. Isto é muito bom e nós, todos nós, membros efetivos da Comissão devemos envidar esforços para manter este viés de crescimento. Analisando este modelo cíclico, com períodos positivos seguidos de períodos negativos, seja crescendo em produção e prestígio, seguido de indolência e desrespeito no período seguinte; nos leva a pensar nas possíveis causas que levam a inversão do processo de desenvolvimento da instituição. A última inversão da curva de desenvolvimento da CMFL, a inversão que fez com que esta instituição atingisse o viés de crescimento, eu credito ao trabalho sistemático e incansável do atual presidente e líder José Moreira de Souza. O Professor José Moreira de Souza, eleito e empossado presidente, em 05 de março de 2012, reconduzido em 2014, pegou o pião na unha, saiu a campo com o objetivo de colocar a CMFL nos trilhos, no lugar a que tem direito. Ele não podia prescindir do apoio de órgãos de governo. Sabendo disto, o ilustre presidente contatou órgãos em todos os níveis de governo: municipal, estadual e federal. Buscou e formou parcerias com organizações da sociedade civil, tais como CPPD, AFAGO e SESC.

Importante salientar que nosso incansável presidente conseguiu obter reconhecimento e apoio, como provam as presenças à Reunião para celebração dos 67 anos de fundação. Como provam outras ocorrências: A CMFL havia sido desalojada de sua sede, em 2011, quando da transferência da sede do Governo do Estado para a Cidade Administrativa. Sem sede, sem local para alojar o que restou de seu patrimônio material, o presidente se socorreu com a Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte. Obteve assim espaço no Centro Cultural Salgado Filho, sito à Rua Nova Ponte 22, onde instalar a CMFL. Nosso presidente, agora mais aliviado, continuava em busca de dias melhores.

Consegui, com a mesma Fundação Municipal de Cultura, fazer da CMFL curadora do Centro de Referência da Cultura Popular e Tradicional Lagoa do Nado, sito à Rua Ministro Hermenegildo de Barros, 904, Itapoã, Belo Horizonte. Com direito a usar espaço para exposição de seu patrimônio. Na foto o casarão da Lagoa do Nado.

O ilustre presidente conseguiu formar parcerias: com a Associação dos Filhos e Amigos de Gouveia (AFAGO) que disponibilizou sua sede, sito à av. Amazonas, 115; com instituições que sempre disponibilizam confortáveis auditórios para as celebrações: da Fundação Municipal de Cultura, na

Rua da Bahia; da Biblioteca Luiz de Bessa, na Praça da Liberdade; do SESC Minas, na Rua dos Tupinambás.

O melhor está por vir. A promessa pública e solene do Senhor Secretário de Estado da Cultura, Doutor Ângelo Oswaldo, durante a celebração do 67º aniversário da CMFL, de instalar a Comissão no Palácio onde funcionava a Secretaria de Estado da Viação. Este edifício, conforme esclarecimento do Secretário, é um dos quatro palácios construídos em primeiro lugar na Praça da Liberdade. Os outros são: A sede do Governo do Estado, o edifício da Secretaria da Fazenda e o edifício da Secretaria da Educação.



Ao transformar promessa em realidade, a Comissão Mineira de Folclore terá sua sede junto do IEPHA. A notícia foi recebida com emoção e aplausos. Frei Chico, eu estava próximo dele, sorrindo me falou: Eu não esperava tanto.

Além do trabalho em busca de apoio e reconhecimento, agora dando frutos, professor Moreira cuidou de regularizar a publicação do Boletim Carranca, com quatro edições por ano, desde 2012 e mais uma edição especial naquele ano. Cuidou de regularizar a edição anual da Revista da Comissão Mineira de Folclore, com duas edições, uma especial em 2014 dedicada aos 300 anos do Convento de Macaúbas. Moreira ainda editou, doou à CMFL e autografou “A Sombra do Andarilho”, como um dos eventos comemorativos da 46ª. Semana do Folclore. Livro considerado, por Paiva Moura, a antologia do folclore.

O professor Moreira, primeiro vice-presidente da Comissão Nacional de Folclore, está envolvido na realização do XVII Congresso Brasileiro de Folclore. Evento previsto para acontecer em Belo Horizonte, no próximo mês de outubro. Coroando sua administração.

A Reunião de associados da Comissão Mineira de Folclore (CMFL) e ilustres convidados aconteceu no dia 17 de março de 2015, com o objetivo de celebrar o 67º Aniversário da entidade. Precisamente às 20:00 horas, na Biblioteca Luiz de Bessa, sito na Praça da Liberdade, Belo Horizonte. Deu-se início aos trabalhos da noite, quando a secretária da CMFL, Juliana Garcia, mestra de cerimônia, convidou a Banda de Pífano de Pípiruí a se apresentar. A banda,

Notícias & Comentários



duas flautas e dois tambores, entrou no recinto em fila indiana apresentando o primeiro número musical. Outros números foram apresentados e sempre muito aplaudidos pela plateia atenta.

A mesa que presidiu os trabalhos foi composta, tendo como figura central o ilustre Secretário de Estado da Cultura Doutor Ângelo Oswaldo, completando a mesa: representante da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) professor Gustavo Pereira Cortez; representante da Fundação Municipal de Cultura senhor Marco Llobus, representante do Senhor Prefeito Municipal Françoise, o Superintendente da Biblioteca Pública “Professor Luiz de Bessa” e dos Suplementos Literário do “Minas Gerais, senhor Lucas Guimarães; Presidente da CMFL Professor José Moreira de Souza. Representaram o SESC MG, o senhor Jorge Cabrera, a Academia de Letras João Guimarães Rosa, o professor João Bosco de Castro, a prefeitura municipal de Vespasiano, a senhora Ione Amaral, a AFAGO, os diretores Manuel Luiz Ferreira de Miranda e Milton Ferreira de Miranda. A Associação dos antigos moradores da Estação de Gustavo da Silveira se fez representar pela senhora Maria Helena Martins Ribeiro e Sérgio Ribeiro.

Cada um dos componentes da mesa fez breve discurso, atendendo ao que determinou o protocolo: O professor Gustavo Cortez salientou sua posição como elemento de ligação da CMFL com a UFMG; o representante da Fundação Municipal de Cultura comentou sobre o lançamento do 1º Prêmio “Mestres da Cultura Popular de Belo Horizonte”. Premio instituído com o intuito de reconhecer e valorizar a atuação dos mestres e mestras da cultura popular, responsá-

veis pela transmissão e perpetuação de tradições que compõem o patrimônio cultural imaterial da capital mineira; A representante do Senhor Prefeito Municipal trouxe a palavra de apoio e estímulo daquela autoridade aos trabalhos da CMFL; o professor José Moreira distribuiu a última edição do Boletim Carranca e comentou sobre leitura e principalmente sobre “conversa”, sobre transmissão oral; fechando o ciclo de discursos falou o Senhor Secretário de Estado de Cultura. Comentou sobre sua relação antiga com o presidente Moreira, falou do desalojamento da CMFL e prometeu a nova sede, junto ao IEPHA, no palácio conhecido como Secretaria da Viação.

A professora Katia Cupertino, da UFMG e o senhor Marcus Lobus, da Fundação Municipal de Cultura apresentaram, no sistema “data show” e alternando a fala, a proposta para realização do XVII Congresso Brasileiro de Folclore.

A mestra de cerimônia, antes de encerrar, franqueou a palavra e dela aproveitou o doutor Mauro Werkema, presidente da Belotur trazendo o apoio da entidade que representa. Cumpre ressaltar que doutor Werkema é presença constante nas celebrações da CMFL.

Raimundo Nonato de Miranda Chaves é membro efetivo da Comissão Mineira de Folclore, engenheiro agrônomo pela Universidade Federal de Viçosa, mestre em Matemática e Doutor em Informática.

Notícias & Comentários

Lições do Saber Viver

A Cabana do Pai Tomaz é uma favela que surgiu no momento de construção da Cidade Industrial de Contagem no ano de 1941. Em 1963, a invasão foi ampliada no interior dos movimentos por Reforma Urbana constituindo o que se chamou “Favela da União Operária Estudantil”. O nome durou pouco, mas a memória permaneceu nos nomes da Rua Independência e Rua Sete de Setembro.

Em janeiro de 2015, uma oficina de consertos de bicicletas se incendiou. Imediatamente, os moradores se mobilizaram para promoverem a

isso? Não se tratava de um lugar que apenas prestava serviço de concerto. Aritana, o “proprietário” tinha o lugar como espaço de acolhida dos necessitados. Lição para o seguro social.



reparação dos danos e reconstrução do imóvel e aquisição de novos equipamentos.

Surgiu uma nova oficina completamente reformada e atualizada. Como explicar



Comissão Mineira de Folclore é acolhida em Audiência com o senhor secretário de Estado de Cultura - Ângelo Oswaldo - na Cidade Administrativa



Notícias & Comentários

Comissão Mineira de Folclore é acolhida em Audiência com o senhor presidente da Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte - Leônidas e o senhor presidente da Belotur - Mauro Werkema



Comissão Mineira de Folclore é acolhida em Audiência com a senhora Diretora Leda Martins da Diretoria de Assuntos Culturais da UFMG no espaço da Biblioteca Central, juntamente com o professor Gustavo Cortez da Escola de Educação Física

Tomadas de algumas audiências públicas da Secretaria de Estado de Cultura Forum Permanente de Cultura



Obras incorporadas ao acervo do Centro de Celebração de Minas da Comissão Mineira de Folclore – maio de 2015

Campeinato Negro no Brasil: Romeu Sabará

Tenho a honra de apresentar ao leitor de nosso *Carranca*, em primeira mão, a tese de doutorado do professor Romeu Sabará da Silva, a qual – até que enfim – terá seu primeiro lançamento no dia 9 de junho em Belo Horizonte na Casa do Jornalista.

Antes de me deter em considerações sobre o livro, apresento a trajetória do Romeu.

Foi no ano de 1965 que Romeu se matriculou no curso de Ciências Sociais da, então, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da também, então, Universidade de Minas Gerais. Nessa época, a Faculdade abrigava cursos de Filosofia, História, Jornalismo, Letras, Geografia, História Natural, Pedagogia, Psicologia, Matemática, Física e Química e, é claro, reinando no último andar, o de Ciências Sociais.

Dela surgiram o ICEX, o ICB, Geociências, Letras, Faculdade de Educação e a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas; e a Universidade de Minas Gerais passou a ser designada Universidade Federal de Minas Gerais.

Pois bem, no ano de 1965, Romeu era calouro. Eu o conheci frequentando as aulas de Antropologia II. Como assim? Ele não deveria cursar Antropologia I para, no ano seguinte, se habilitar à segunda da série?

Cabem explicações. No ambiente da faculdade respirávamos Filosofia, Ciências e Letras. Vagávamos de uma sala para outra, de andar em andar, celebrando o saber dos grandes mestres: Henrique de Lima Vaz, Moacir Laterza, Artur Versiane Veloso e José Henrique Santos, na Filosofia; Getúlio Vargas Barbosa, na Geografia; Pedro Parafita de Bessa, Célio Garcia e Galeno Procópio Alvarenga na Psicologia; Schreiber, na História Natural; Wilton Cardoso e Rubens Costa Romanelli, nas Letras entre inúmeros outros dessa plêiade de excelência.

As Ciências Sociais ofereciam para contemplação dos alunos de outros cursos os professores Morse Belém Teixeira, Welber Braga, Hiroshi Watanabe, Francisco Iglésias, Fernando Correia Dias, Tocary de Assis Bastos, Lincoln Continentino e Fábio Lucas.

Nesse ano de 1965, houve um professor que se sobressaía sobre os demais: Ely Bonini Garcia, professor de Antropologia. No ano de 1964, Ely foi obrigado a se recolher às dependências do IV Exército em Juiz de Fora acusado de subversão. Vagou primeiro, pelo DOPS em Belo Horizonte. Curiosamente, foi um aluno do curso de Ciências Sociais, incomodado com o “método” empregado nas aulas que encontrou a oportunidade certa de castigar o professor.

Qual era esse método? Desafiar os alunos a desvendarem o motivo pelo qual se dispunham a aprender ou a recusar a aprendizagem. Nada de correr atrás de índio. Nós somos os índios de nós mesmos. Este processo de conhecer os “padrões de cultura” a que estamos submetidos não se fazia sem incômodos. Bonini iniciava as aulas às 7:00 horas da manhã e, às vezes, às 14:00 horas, a sala ainda estava cheia. Livros eram lembrados como oportunidade para diálogo. Malinowski, Ralph Linton, Clide Klukhom, Ruth Benedict, Gerth e Mills, Abraham Kardiner, Lowie, Franz Boas, somente eram indicados e comentados quando estivéssemos algo a conversar com esses autores. Havia alunos que ficavam irados. Queriam matéria, conteúdo. “Por que gastar tanto tempo com perguntas sobre nós mesmos. Dê logo o conceito de “Cultura”. O que vamos fazer na hora da prova?”

Assistíamos aulas de Bonini por onde ele andasse. Não perdíamos as aulas ministradas nas salas do curso de Psicologia. Pobre era o professor que ministrasse aulas de outra disciplina no mesmo horário. É claro que isto criava conflitos no Departamento. Parecia que o curso de Ciências Sociais tinha apenas uma disciplina: Antropologia.

Foi nesse contexto que vi Romeu se esperneando diante dos desafios do Bonini. Ele não se rendeu. Qual índio de Pocrane, Romeu não quis civilizar-se... Em meio aos meus esperneios, - alcunhado de “ressentido pseudo-superior” - surge um autor cuja obra procurei por algumas dezenas de anos - Max Sheler “El resentimiento en la moral”. Na tentativa de compreender esta “identidade” dei sentido a isto nas dedicatórias de meus livros. Em *Comunicação e Mudança*, a dedicatória a meu pai registra: “A meu pai, teimoso, incansável e nunca decepcionado garimpeiro”. Em *Cidades momentos e processos*: “A minhas tias-mãe: Flora, 90 ano de vida resignada e Francisca, 88 de resistência” e a homenagem principal: “A Ely Bonini Garcia, com quem aprendi a aprender”.

Em setembro de 1965 para desencanto de todos nós e minha única indignação, Bonini, absolvido pelo comando do Exército se demitiu da Faculdade de Filosofia. Não pode compreender que a Colenda Congregação viesse lhe prestar solidariedade após ser absolvido. Passou a apoiar seus alunos no Supermercado que sua mãe lhe ofereceu para garantir a subsistência e, posteriormente numa clínica em que exigia pelo menos quatro horas diárias de estudo dos que o procurassem.

Bonini despertou Romeu para as aventuras antropológicas e a pesquisa de nós mesmos.

Em 1968, Romeu se encontra com Saul Martins na disciplina Antropologia IV. Saul dava a essa disciplina o enfoque do Folclore. Romeu se tornou o aluno querido. Eu digo sempre, “você foi o filho amado do Saul”, irreverente, transparente. Logo, Romeu quis se dedicar ao estudo dos “negros”, da “cultura negra”. Inicial-

Obras incorporadas ao acervo do Centro de Celebração de Minas da Comissão Mineira de Folclore – maio de 2015

mente, para ele, cultura negra era afro e sendo afro se resumia no candomblé e, com alguma concessão na umbanda. Até que chegou ao congado.

Descobrimos os Arturos

Certa vez, em fins de 1968, ou em 1969, encontrei-me com Romeu. Sua atenção já estava voltada para o Congado. Disse a ele, “existe em Contagem um terno de congado. Coitados, eles saem pela rua dançando, sozinhos, ninguém se incomoda”. Eram os Arturos.

Em 1970, Romeu se candidatou à docência no curso de Ciências Sociais por sugestão do professor Saul Martins. Sua aprovação gerou estranhamento da parte dos professores do Departamento de Ciência Política. Esse departamento que surgira da criação do Mestrado em Ciência Política no ano de 1967 e se abrigou no sétimo andar da Reitoria da UFMG marcou uma nova época na formação dos cientistas sociais. A partir daí criou-se a crença de que todo professor que não se submetesse à pós-graduação – no caso em Ciência Política – era um leigo. Este foi o rumor que se disseminou com a aprovação do Romeu como Auxiliar de Ensino.

Posicionado na contramão do grupo que disputava a hegemonia no curso de Ciências Sociais, Romeu cuidou de se mostrar competente e de expor sua herança como filho de Pocrane.

Em 6 de abril de 1972, recebi um Projeto de Pesquisa com o título: “Estudo Histórico etnográfico de alguns traços culturais negros em Minas Gerais”, com a seguinte dedicatória: “Ao amigo Moreira para ver apreciar e dar sugestões”.

No Projeto, Romeu dá continuidade ao estudo pioneiro de Aires da Mata Machado e amplia os horizontes enumerando 7 focos para aprofundamento: Comunidades negras, Associações Religiosas Negras, Associações Cívicas Negras, Folguedos Populares Negros, Santos e Devoções Negras, Umbanda e Candomblé, e Igrejas de Santos Negros.

Tem como ponto de partida comunidades visitadas “núcleos negros considerados como sobreviventes de antigos quilombos”. “Mata dos Crioulos (Diamantina); Quartel do Idaiá (Diamantina); Mata da Jaíba (Montes Claros); Os Arturos (Contagem)”. Lembra ainda sua região de Nanuque.

Já na elaboração desse projeto, Romeu demonstra o cuidado de organização sistemática de informações. Criação de fichas sistematicamente organizadas por assunto. Ordenação das obras necessárias para leitura seguidas de documentação por assun-

to. Juntamente com isso, a preocupação de reunir estudiosos de folclore com o objetivo de disseminar objetos de pesquisa em andamento. Esse esforço se concretiza nos Simpósios de Comunicação sobre Pesquisas em Folclore iniciados em 1979 com duração até 1981. Por este trabalho ficava mais do que evidente que Romeu seria o herdeiro natural de Saul Martins no comando da Comissão Mineira de Folclore.

O Simpósio contou com participação de folcloristas de vários estados, com destaque para Hermógenes da Comissão Espírito Santense, os da Comissão Mineira de Folclore e pesquisadores da UFMG, PUC Minas, Senac, Biblioteca Pública. Destacou também registros em vídeo como os do padre Massoti – membro da Comissão Mineira e fundador da Escola de Cinema – José Tavares de Barros da Escola de Belas Artes da UFMG.

A ideia do simpósio era ambiciosa: firmar parceria com o Instituto Nacional de Folclore, consolidar relações com a Coordenadoria de Cultura do Governo de Minas Gerais, favorecer relações entre pesquisadores de todo Brasil e “beneficiar mais pesquisadores de Folclore e ciências afins, que persistem no seu trabalho árduo e nobre, porém, tantas vezes ignorado.”

Coincidência, ou não, mudança do governo, encerrou o ciclo dos simpósios. Há três comunicações de Romeu importantes nesses encontros: a primeira sobre o “Queijo Mineiro”. Muito antes de se pensar em registros de Patrimônio Imaterial, Romeu se dedicou ao assunto, com atenção para o que hoje é chamado de sustentabilidade firmada na indústria caseira e no campesinato - valorizar o processo antes do produto: povo da cultura e não apenas a cultura do povo.

A segunda comunicação dedica-se à “Festa da Primeira Capina de Milho entre os Arturos”. Esta comunicação mostra como já estava avançada a dissertação de mestrado do autor para ser defendida na Universidade de Brasília. Por último, um estudo que iniciamos conjuntamente em setembro de 1980 e que foi publicado com o título de “Pinhões: Comunidade Negra na órbita metropolitana”.

Em 1980, no encontro da ANPOCS - Associação Nacional de Pesquisa em Ciências Sociais -, realizado na última semana de outubro no Rio de Janeiro, Romeu apresentou o “paper” “Comunidades Rurais Negras no Brasil. Um novo campo de estudos monográficos”. Nesse texto o autor se detém em 15

Obras incorporadas ao acervo do Centro de Celebração de Minas da Comissão Mineira de Folclore – maio de 2015

comunidades existentes em Minas Gerais das quais foram visitadas e selecionadas quatro para estudos em profundidade. Arturos, Pinhões, Sapé e Coqueiros.

Os estudos se expandiram posteriormente, alcançando Pontinha no município de Paraopeba, sobre o qual o autor elaborou importante monografia e muitas outras. Merece destaque também estudo não publicado sobre a Festa do Rosário do Serro que deveria ser parte integrante da dissertação de mestrado.

Arturos em Tese

No encontro anual da ANPOCS, em 1997, dessa vez em Caxambu, Romeu chegou todo alegre, trazendo sob os braços *Comunidade Negra dos Arturos. O drama de um campesinato negro no Brasil*. Tese de Doutorado em Antropologia Social apresentada no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Orientador: Dr. Kabengele Munanga. Defendida e aprovada em primeiro de setembro de 1997.

Era o fim de uma aventura e de alguns anos de briga com o Departamento de Ciências Sociais da FAFICH e com a Coordenação do Curso. Romeu exibia seu troféu após requerer a aposentadoria.

No ano seguinte, em sessão solene comemorativa do cinquentenário da Comissão Mineira de Folclore, Romeu presenteou seu Mestre e Pai Saul Alves Martins com um exemplar encadernado.

O mesmo trabalho foi dedicado à coordenação do Curso de Pós-graduação em Folclore e Cultura Popular ministrado pela Comissão Mineira de Folclore em parceria com as, então, Faculdades Integradas Newton Paiva.

Nos anos seguintes, a importante tese, recolheu-se às gavetas do autor.

Vale a pena conhecer antecipadamente o Sumário. A tese se divide em 5 partes compreendendo 15 capítulos.

Parte I: Do Congado Mineiro à Comunidade Negra dos Arturos.

Parte II: Comunidades Negras Rurais: Formas de Campesinato Negro no Brasil.

Note-se que o autor desenvolve um diálogo importante para distinguir Quilombolas de Campesinato Negro. É uma discussão altamente relevante e fértil.

Parte III: A Comunidade Negra dos Arturos e a Sociedade Envolvente

Parte IV: A festa da Primeira Capina de Milho entre os Arturos.

Como já vimos, o autor deu a esse tema relevada importância para o mesmo permanecer no plano da Tese. Seu estudo, a partir do mutirão e encerrando com a celebração favorece intermináveis conversas de interesse não apenas para as comunidades negras.

Parte V: A Comunidade Negra dos Arturos e o mercado de Bens Simbólicos.

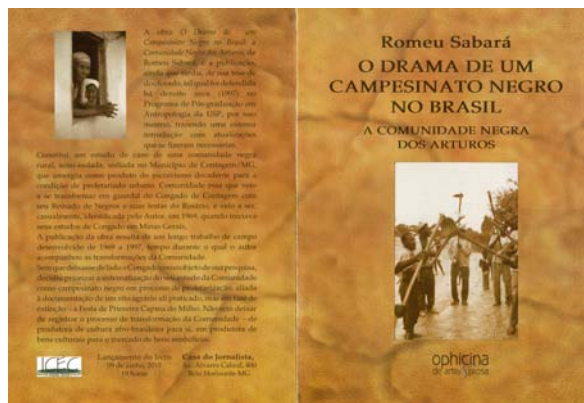
Esta parte é uma avaliação do caminho percorrido ao longo de quase trinta anos. Soa também como confissão de *mea culpa*. Pesquisa como intervenção no “objeto” pesquisado.

Dividida em três capítulos, o autor trata da “Cultura Étnica e o mercado de Bens Simbólicos” - capítulo 13 -; da relação entre a Comunidade e o Mercado de Bens Simbólicos - capítulo 14; para encerrar com “A Comunidade, sua Cultura e o Mercado Cultural”. Esta parte contém uma agenda para os estudiosos de folclore, mas deve chamar a atenção principalmente para as ONGs que correm atrás de editais de fomento da cultura sem atenção para a dinâmica própria das comunidades.

Supresas

A edição dessa obra traz novidades. Romeu preservou o plano da tese, mas trouxe contribuições novas, tanto na introdução, quanto nos apêndices. Além disso, vem preparando a edição de um Manual de Folclore resultante das aulas ministradas nos Cursos de Pós-graduação em Folclore e Cultura Popular dos quais participou. A tudo isto se junta uma obra a que dou o nome – até o autor batizá-la com o seu – *Romeu o intelectual anarquista: autobiografia intelecto-material*. Já assegurei ao Romeu que esta obra será best seller acadêmico.

José Moreira de Souza



Obras incorporadas ao acervo do Centro de Celebração de Minas da Comissão Mineira de Folclore – maio de 2015

Luis Santiago: O mandonismo mágico do sertão. Corpo fechado e violência política nos sertões da Bahia e de Minas Gerais. (1856 – 1931)

Pedra Azul: Edição do Autor, 2015. 543p.

Para mim, foi uma grande surpresa atender ao telefone e ouvir de Luis Santiago que seu livro merecedor do Prêmio Sílvio Romero, edição 2014, já se encontrava pronto. Surpresa maior eu tive, ao receber a visita do autor com três exemplares saídos do forno da gráfica com dedicatória e destinados ao acervo da Comissão Mineira de Folclore.

Vamos à história.

Certa vez, perambulando pelos sebos do edifício Arcângelo Maleta – eu de fato procurava a Livraria do José Maria Gomes de quem fui freguês de carteirinha desde o ano de 1965, quando o Zé ainda trabalhava na Livraria Científica – me deparei com uma obra que me atraiu pelo título: *O Vale dos Boqueirões: História do Vale do Jequitinhonha, Volume I*. O autor me era desconhecido, mas o título era convidativo independentemente da qualidade da abordagem. Eu me acostumei a ler obras sem atenção para a qualificação da crítica.

Pois bem. Tão logo percorri as páginas iniciais e finais – eu sempre recomendei meus alunos a buscarem em primeiro lugar conhecer o Plano de Redação dos livros – me deparei que o Volume I fazia parte de um plano que se completaria em quatro novos volumes.

Imediatamente, imaginei um senhor aposentado, bem vivido, cheio de memórias, no alpendre de sua casa, na cadeira de balanço, ou, numa ampla sala, acomodado na espreguiçadeira, pronto para contar história das mil e uma noites vividas com sofreguidão.

Puro engano, no qual permaneci até que, transcorridos algo como dez anos, visito Diamantina, desço até o Beco da Tecla, entro na Livraria Espaço e, ao percorrer as estantes, salta-me à vista *Tejuco – Arraial Setecentista*. Autor? Luis Santiago. Informação adicional: Quarto livro da série *O Vale dos Boqueirões*. A curiosidade aumentou. Para minha sorte, o autor inseriu na “Ficha técnica” uma informação preciosa: Edição: Luis Santiago luiscmsantiago@gmail.com. Isto me valeu entrar em contato com o autor e, para

nova surpresa fui informado de que outras obras suas poderiam ser encontradas nos “sebos” do Arcângelo Maleta. O plano da obra agora compreenderia dez volumes e o projeto original havia sido alterado.

A aquisição do Volume II da série, com o título *Serro e Serrania*, desmoronou a imagem de senador atribuída ao autor. Publicado em 2004, traz biografia sumária do percurso do autor. Luis Santiago passa a ser representado como um daqueles viajantes, tropeiros, navegadores, ou artistas circenses, andarilho do século XX e XXI, pleno de perguntas para conhecer Minas

Gerais, a Bahia, o Jequitinhonha com todas as suas sequelas. É um jovem despertado para a comunicação através da escrita desde a adolescência e que, antes de completar quarenta anos concebe um ambicioso projeto de contar a história do Vale do Jequitinhonha. O ambiente doméstico lhe garante a fome de viver com atenção, registrar o vivido, ler e conversar com os livros e escrever para que o leitor entre nessa roda. Em dado momento, o autor é premiado com a oferta de um curso modular em sua cidade – Pedra Azul -, matricula-se no curso de História ministrado sob responsabilidade da Unimontes – Universidade Estadual de Montes Claros.

A partir daí passo a imaginar um aluno com todos esses conhecimentos vividos sentado num banco da sala de aula, submetido a provas, notas, e disciplina. Luis se submeteu e mereceu, então, a credencial de “graduado em História”. Imagino que a aprendizagem conferida ao merecimento do credenciamento – leia-se Diploma – se deu exclusivamente para citar sempre as ‘fontes consultadas’. Já na primeira obra da série, Luis percorre com competência fontes da história da Europa, das Américas e da África com segurança na seleção das fontes bibliográficas, mas é apenas no volume IV que fornece a Bibliografia. De posse de tanto conhecimento, chega a Pedra Azul, mais uma frente avançada da Unimontes, dessa vez oferecendo Mestrado em História. Luis se candidata a mais um feito e termina o percurso com a dissertação de mestrado focada no tema *Corpo Fechado*. Sabedor de meu interesse em acompanhar sua obra, Luis me comunica poder acessá-la pelo site acadêmico. Imediatamente, recomendei a leitura a outros companheiros e solicitei do autor um artigo para



Obras incorporadas ao acervo do Centro de Celebração de Minas da Comissão

Mineira de Folclore – maio de 2015

ser publicado na *Revista Comissão Mineira de Folclore*, nº 26. A repercussão desse artigo foi tão grande que a leitura da Revista foi recomendada pelo blog de Cultura do jornal *Folha de São Paulo*.

Quase ao mesmo tempo, o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular do IPHAN publicou edital do Prêmio Sílvio Romero. Recomendei, então, que o autor se candidatasse. Meses depois, recebo a notícia, *O modernismo mágico do sertão* merecera o Primeiro Lugar. Eu tinha certeza. Em primeiro lugar, porque Luis já era premiado por natureza. Estuda porque aprendeu a estudar, registra o vivido porque aprendeu a prestar atenção no mundo e lê porque aprendeu a ler, e escreve porque aprendeu a articular estudo, vida, e leitura aos processos de comunicação. Tudo muito naturalmente. Em segundo lugar, porque em decorrência de tudo isso, sabe selecionar o que é relevante para a comunicação. Finalmente, porque ao cursar o mestrado e se submeter à orientação soube tornar bem “redondo” o objeto de sua tese. Revisão da bibliografia pertinente, seleção de “apenas” quatro casos, escolha do período a ser acompanhado e diálogo com os autores valorizados pela Academia para a pesquisa histórica.

Vencido o concurso, obtido o Prêmio, Luis não pensou em outra coisa senão em brindar o leitor com os frutos de seu trabalho. Livre finalmente das regras acadêmicas e das imposições das editoras que atuam de olho no Mercado, Luis decidiu ele mesmo repetir o feito de editar, e – praticar o feito mais árduo – distribuir a própria obra. A tese aprovada e premiada que cobriria 225 páginas impressas, se expandiu para 543 páginas.

Acompanhando o Corpo Fechado

Em artigo publicado na *Revista Comissão Mineira de Folclore* edição nº 26, Luis Santiago relata o amadurecimento desse objeto de estudo. Hábitos de cinéfilo na adolescência. Frequentação do Cinema Novo, oportunidade em que o Brasil se torna tema das projeções nas telas dos cinemas. Pode-se também acrescentar a isso o espírito criativo do menino que, ainda criança, desenvolve atenção com toda acuidade aos instantes poéticos. Com efeito, *Corpo Fechado* remete a um mundo de devaneios, mistérios, carisma e poder. Heroísmo e negação da morte.

Vencer a morte é núcleo de todos os mitos.

O primeiro volume da série *O vale dos Boqueirões* já oferece substanciosas sendas para o desenvolvimento da tese concretizada no mestrado. Além da andança a pé por todo o Vale, Santiago sublinha em dois pa-

rágrafos o que desenvolveria em *Mandonismo Mágico*:

Há nesses sertões do sul da Bahia e norte de Minas, feiticeiros extraordinariamente poderosos. Há homens que têm o corpo fechado, ou seja, nem bala, nem faca, nem porrete, nem foice, nem mão humana ou animal, podem feri-los ou matá-los. Uns são vulneráveis, quando estão dentro d'água, atravessando um rio ou córrego, por exemplo. Outros são vulneráveis a armas de prata ou de ouro, ou balas benzidas por um sacerdote católico.

Há duelos terríveis entre feiticeiros e sempre há aquele que é mais forte que o colega, aquele que tem o corpo fechado. (1999:318)

O objeto de estudo já se mostra nesses parágrafos quase redondinho. Adquire-se o fechamento do corpo em práticas de feitiçaria. Há situações que tornam vulneráveis o poder adquirido. A feitiçaria banto – ele se refere a isso em parágrafos anteriores – dialoga com a feitiçaria mágica do catolicismo popular.

O passo seguinte que torna o estudo do corpo fechado objeto de tese de mestrado – insisto em tese e não em uma pura dissertação – consiste em articular o poder adquirido ao poder de mando, às práticas políticas, ao mandonismo local, à luta entre partidos e facções pelo Poder. O lugar do chefe carismático, a constituição dos régulos taumaturgos. Homens milagrosos na construção da ordem pela imposição do medo.

As imposições acadêmicas, no entanto, terminam por exigir a conhecida “delimitação do objeto”: Tempo – 1856 – 1931 – lugar: Sertões da Bahia e de Minas Gerais; o fundamento da prática, seu ritual: banto; e até mesmo o alcance: coronéis.

Apesar de todas essas coações, Luis Santiago dá à sua tese arranjos magistrais.

O primeiro capítulo conceitua o corpo fechado. Não ao modo daquelas definições essencialistas, mas percorrendo “a política do corpo fechado”, examinando “as origens do corpo fechado”, discorrendo sobre os “procedimentos para fechar o corpo”, exibindo “a vulnerabilidade específica” – o calcanhar de Aquiles que torna os heróis mortais -, e finalizando com um percurso pelos “políticos, guerreiros e feiticeiros”. Após a leitura desse capítulo fiquei pensando no lugar necessário para o sacerdote no contexto da guerra e na fusão do espírito sacerdotal no chefe guerreiro e na difusão/comunhão desse modo sacrificial. Imaginei Plutarco narrando as aventuras de Alexandre o Grande na catarse da ce-

Obras incorporadas ao acervo do Centro de Celebração de Minas da Comissão Mineira de Folclore – maio de 2015

lebração da vitória. [Alexandre perdeu mais soldados nas orgias da vitória do que no entusiasmo das lutas.] Coisas de leitor.

O segundo capítulo traz como título “A Colonização do Sertão”. Nele o autor nada de braçada e cuida de destacar resumidamente “os currais do São Francisco”, “os quilombos do Gorutuba”, “os sertões proibidos e a colonização do sertão da Ressaca”, os “ricos descobertos da Chapada” e finaliza mostrando “a fronteira sertaneja e o ‘faroeste tupiniquim”.

“Instituições da Guerra Política nos Sertões” é assunto para o terceiro capítulo. Merece destaque “teorias acerca do coronelismo” e esse híbrido “coronéis-bandidos”. Em meio a essa história eu me pus a pensar sobre o lugar de “Felão”, o militar [das forças de Diamantina] que age em nome da Lei do Estado Burocrático... A Lei pronta para ser cumprida sem negociação.

O capítulo quarto é o núcleo da tese, obediente às prescrições acadêmicas – e tudo que eu tinha a dizer se resume em quatro casos -, quatro coronéis-mandões-bandidos agindo em suas guerras: “Guerra política no São Francisco”, “Guerra na Chapada” “A guerra da Coluna” Prestes, “ a ‘guerra’ do Tamanduá”. Curiosamente, após receber solenemente os exemplares dessa belíssima obra, eu me encontrei em Gouveia com dois rapazes – hoje beirando 70 anos – que namoraram bisnetas do Coronel Horácio Matos e pude ouvir relatos enriquecedores dessas aventuras coronelísticas.

A tese se completa no quinto capítulo que discorre sobre “O Mandonismo Mágico”. Carisma é o centro das abordagens para encerrar com a rotina da morte por assassinio, enfim o reino dos conflitos e a derrota da ordem [alô, alô sociólogos].

É claro que uma perfeita dissertação de mestrado deve ter Introdução e Conclusão. Isto é cumprido pelo autor.

Cumprida a missão, Luis reservou ao leitor o que “sobrou” da tese. Reservou para isso o que ele chama de “Textos complementares” divididos em “Excursos”. Os dois primeiros provam que o autor não é um auto didata de bobeira. Excurso I “O Brasil Weberiano” Excurso II “A História Política de Marc Bloch”. São conversas com sociólogos, antropólogos, historiadores e de quebra folcloristas. Excurso III “Política Jagunça” é uma conversa com *O Grande Sertão Veredas* e coisas mais. Excurso IV “Quase biografias de mandões” revela o ouro das anotações do autor e seu despertar para o tema. Excurso V trata da genealogia do mandonismo o Excurso VI Dos Santos do Sertão – pense em pelo

menos Antônio Conselheiro, mas pode pensar no padre Cícero ou no padre Ibiapina.

Não satisfeito, Luis brinda o leitor com um “Texto Bônus” exposto em três capítulos. Já que é bônus deixo a surpresa para o leitor. Antecipo apenas que a conversa começa com Ginsburg.

A edição primorosa termina com Índice onomástico de pessoas e povoações e as sempre necessárias “Referências”.

Eis ai todos os motivos de minha admiração por esse autor.

Ao concluir, imagino-me numa sala de aula escolhendo duas obras para conversar com meus alunos sobre Minas Gerais, sem preocupação com história mas com nosso povo.

Tenho duas:

Florestas anãs do sertão, Sertão Lugar desertado de Ricardo Ferreira Ribeiro - dois volumes.

E *O mandonismo mágico do Sertão* de Luís Santiago. Peço humildemente a Deus que ilumine nossos professores para darem o valor que essas obras merecem. Em caso de isso não acontecer, peço a Deus que dê forças aos alunos para descobrirem essas obras que resultam de percurso a pé pelos nossos caminhos veredas, boqueirões, picadas em diálogo com as sendas interpretativas construídas em voos distantes e incomodem seus professores.

A Comissão Mineira de Folclore se compromete a promover o lançamento desta obra na primeira oportunidade que tiver.

José Moreira de Souza



Vem aí o XVII Congresso Brasileiro de Folclore - 26 a 30 de outubro - Campus da UFMG

Agradecimentos:
Secretaria de Estado da Cultura de MG



NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

Carranca aceita artigos, notas, comentários, informes em geral de interesse dos estudiosos de Folclore e da Cultura Popular, desde que encaminhados em meio digital.

Formato em Word, fonte arial ou times new roman, corpo 12, espaço 1,5. Identificação do autor.

As fotos devem ser encaminhadas já escaneadas em formato jpg.

Artigos assinados são de responsabilidade dos autores.



CARRANCA

Órgão Informativo da Comissão Mineira de Folclore – CMFL
Número 01-15– Janeiro- março 2015.

Acessível em www.afagouveia.org.br/ComissaoMineiraFolclore.htm

Diretor Responsável – José Moreira de Souza

Fotos: José Moreira de Souza, Forum Permanente de Cultura

Editoração Gráfica: José Moreira de Souza

Diretoria da CMFL - 2012 - 2014

Presidente de Honra: Domingos Diniz

Presidente: José Moreira de Souza

Vice-presidente: Míriam Stella Blonski

Secretária: Juliana Correa de Carvalho Garcia

Tesoureiro: Raimundo Nonato de Miranda Chaves

Conselho Fiscal da CMFL

Antônio de Paiva Moura

Edméia da Conceição de Faria Oliveira

Luiz Fernando Vieira Trópia

IMPRESSO

Remetente

Comissão Mineira de Folclore

Rua Pires da Mota - 202

Bairro Madre Gertrudes

CEP – 30512-760

Belo Horizonte - MG

E-mail: oficinafolclore@superig.com.br